



PRÁTICAS ANESTÉSICAS COMO FERRAMENTA DE PROMOÇÃO DE BEM-ESTAR EM CÃES E GATOS

Tatiane Vieira de Góis¹

¹Médica Veterinária - Nova Serrana/MG – Brasil – Contato: tatianevieiragois@gmail.com

¹Discente no Programa de Pós-Graduação em Especialização em Clínica médica de pequenos animais - Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC/PR – Curitiba/PR - Brasil

INTRODUÇÃO

A anestesiologia em pequenos animais desempenha papel central na realização de procedimentos clínicos e cirúrgicos de forma ética e segura. Além de viabilizar intervenções, a anestesia tem impacto direto sobre o bem-estar, uma vez que o manejo inadequado pode resultar em dor, estresse e complicações perioperatórias. O reconhecimento e o controle da dor são considerados atualmente como parte essencial da prática veterinária, sendo a dor reconhecida como o quinto sinal vital¹.

Nesse contexto, torna-se imprescindível a utilização de protocolos anestésicos específicos que contemplem todas as fases do processo anestésico: a preparação pré-anestésica, a indução, a manutenção e a recuperação.

O objetivo deste trabalho é explorar como a escolha adequada de técnicas e fármacos anestésicos pode promover o bem-estar de cães e gatos, ressaltando a importância de protocolos individualizados e multimodais.

MATERIAL

Este trabalho trata de uma revisão bibliográfica realizada por meio de busca em bases indexadas como SciELO, PubMed, ScienceDirect (Elsevier) e Google Acadêmico, contemplando artigos publicados entre 2009 a 2025. Foram utilizados descritores como “anestesia veterinária”, “bem-estar animal”, “controle da dor em cães e gatos” e “protocolos anestésicos multimodais”.

RESUMO DE TEMA

A anestesia, quando conduzida de forma adequada, reduz dor, estresse e complicações, constituindo ferramenta essencial da medicina veterinária moderna. O processo anestésico deve ser analisado em todas as suas fases. A etapa pré-anestésica é fundamental para avaliação clínica e escolha de fármacos.

Antes de implementar um protocolo anestésico, é essencial realizar uma avaliação completa do animal, que inclui exames laboratoriais e de imagem. Um hemograma, perfil bioquímico, eletrocardiograma (ECG), exames de imagem e testes de coagulação são recomendados. Esses exames permitem identificar condições clínicas subjacentes e sensibilidades que possam causar reações adversas ao anestésico.

A medicação pré-anestésica (MPA) possui várias finalidades como redução da ansiedade, redução de riscos de excitação, redução de sialorreia, promovendo maior estabilidade intraoperatória². A indução anestésica, realizada com agentes de ação rápida e segura, como Propofol, possibilita transição suave para o plano cirúrgico, minimizando riscos de complicações cardiorrespiratórias.

Na manutenção, a associação entre anestésicos inalatórios e protocolos multimodais de analgesia, incluindo opioides, anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), anestésicos locais e adjuvantes, garante melhor estabilidade hemodinâmica, analgesia efetiva e menor incidência de efeitos adversos¹.

A fase de monitoração anestésica é uma parte que garante antever as possíveis intercorrências, além de promover a possibilidade de corrigir e evitá-las. O objetivo central da monitoração é potencializar os efeitos benéficos da anestesia, ao mesmo tempo em que busca minimizar o risco de alterações fisiológicas decorrentes tanto dos fármacos utilizados quanto das condições clínicas do paciente. Além disso, contribui para promover uma recuperação anestésica de maior qualidade³.

Já a fase de recuperação, muitas vezes negligenciada, demanda monitoração rigorosa para prevenir complicações respiratórias e garantir conforto pós-operatório⁴.

O controle da dor, reconhecida como o quinto sinal vital, é indispensável para o bem-estar e qualidade de vida dos pacientes. A abordagem multimodal tem se mostrado a estratégia mais eficaz no manejo da dor

aguda e crônica, reduzindo a dose necessária de cada fármaco e, conseqüentemente, os efeitos colaterais. Ferramentas como a Escala Multidimensional da UNESP-Botucatu e outras escalas validadas auxiliam a avaliação clínica e permitem ajustes terapêuticos mais precisos⁵.

No momento da alta do paciente, os tutores precisam receber informações precisas sobre os cuidados pós-operatórios, abordando possíveis complicações que possam ocorrer.

Os medicamentos indicados para alta devem ser analisados conforme situação do paciente, podendo ser indicados analgésicos, principalmente os AINEs, além de ansiolíticos e maropitant⁶. Os antibióticos são uma classe que deve ser escolhida de acordo com a invasividade cirúrgica⁷. Devido ao impacto que os antibióticos podem ter na microbiota intestinal, é recomendado que sua prescrição seja acompanhada de probióticos ou simbióticos para preservar a saúde gastrointestinal e o equilíbrio microbiano do paciente.

Assim, a anestesiologia em pequenos animais não se restringe à viabilização de procedimentos clínicos e cirúrgicos, mas consolida-se como área estratégica para a promoção do bem-estar, alinhada aos princípios da saúde única e às demandas éticas e sociais por práticas veterinárias cada vez mais humanitárias e responsáveis⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A anestesiologia em cães e gatos demonstra-se essencial para procedimentos clínicos e para o bem-estar animal.

Protocolos específicos e individualizados representam uma solução para reduzir dor, estresse e complicações perioperatórias.

A adoção de protocolos de monitoramento intensivo durante a indução, manutenção e recuperação deve ser incentivada como prática padrão nas clínicas de pequenos animais.

Para o avanço da área, futuras pesquisas devem concentrar-se em desenvolver protocolos anestésicos e analgésicos ainda mais seguros e individualizados. Tais avanços contribuirão para consolidar uma medicina veterinária cada vez mais ética e voltada à melhoria da qualidade de vida dos pacientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ROMEÚ, R.; GORCZAK, R.; VALANDRO, M. A. **Analgesia farmacológica em pequenos animais**. PUBVET, v.13, n.11, a459, p.1-12, 2019.
2. FANTONI, D. T.; CORTOPASSI, S. R. G. **Anestesia em cães e gatos**. São Paulo: Roca, 2009.
3. NASCIMENTO, Natalia Almeida. **Monitoração Anestésica: Oximetria de Pulso e Capnometria**. 2019. 50 f. TCC (Graduação) - Curso Medicina Veterinária, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2019.
4. RODRIGUES, Nhirneyla Marques et al. **Estado físico e risco anestésico em cães e gatos**: Revisão. Pubvet, v. 11, p. 744-839, 2017.
5. BRONDANI, J. T. et al. **Validity and responsiveness of a multidimensional composite scale to assess postoperative pain in cats**. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v.64, n.6, p.1529-1538, 2012.
6. SILVA, G. C. et al. **Manejo da dor em cães e gatos: revisão de métodos e protocolos**. PUBVET, v.17, n.3, p.1-12, 2023.
7. BARCELOS, L. de C. et al. **Anestesia em pequenos animais durante procedimentos cirúrgicos: revisão**. PUBVET, v.15, n.10, p.1-14, 2021.
8. LOPES, C. A.; ANDRADE, R. M. **Monitoramento anestésico em pequenos animais: práticas clínicas atuais**. Clínica Veterinária, n.167, p.45-52, 2021.